

ESTRUTURA DA LÍNGUA PORTUGUÊSA

JOAQUIM MATTOSO CAMARA JR.

4ª edição



EDITORA VOZES LIMITADA
Petrópolis, RJ
1973

VII

A Acentuação e o Vocábulo Fonológico

29 ACABAMOS de ver, no capítulo precedente, o fenômeno da «ligação» entre vocábulos, sem pausa entre si, em português. Assim, como também vimos, falta o fenômeno da «juntura», ou seja, uma marca fonológica que indique, independentemente de qualquer pausa, uma delimitação entre vocábulos na corrente da fala.

Essa ausência de juntura, inevitável pelo fato da ligação, entre um vocábulo que termina por consoante e o seguinte que começa por vogal, não é, entretanto, absoluta em outras ocorrências. No português europeu (é certo) há a mais o fenômeno da elisão e da crase que também anulam a separação entre uma vogal final e a inicial do vocábulo seguinte, quando átonas ambas ou pelo menos átona a primeira. No português do Brasil, porém, as ocorrências são mais matizadas.

Entre duas vogais átonas, uma final e a outra inicial, há para distinguir se são iguais ou diferentes, isto é, no primeiro caso, /i/+i/, /u/+u/, /a/+a/, e, no segundo caso, /i/+e,o,a/, /u/+e,o,a/, /a/+i,e,o,u/. Se iguais, cria-se uma vogal uma prolongada, que assinala uma delimitação. Se diferentes, dá-se uma ditongação crescente (com a passagem a assilábica do /i/ ou do /u/), ou decrescente com um /a/ silábico. Entre duas consoantes iguais (vibrante, sibilante ou nasal), produz-se uma geminação consonântica, que logo indica delimitação vocabular, pois em princípio não há consoante geminada em português. Assim, temos /arrô'xu/ *ar roxo*, oposto a /arô'xu/ *arrôcho*, /passô'lida/ *paz sólida*, oposto a /pasô'lida/ *pá sólida*, /seNm'na/ *sem mana*, oposto a /sema'na/ *semana*. Há, portanto, uma juntura segmental, isto é, entre fonemas, no plano dos segmentos fônicos, embora lábil de acôrdo com o registro.

Quando se têm, porém, C+V ou C+C (diferentes), desaparece qualquer juntura segmental. Não se pode dizer que desapareça

pròpriamente a delimitação vocabular, porque surge uma juntura «supra-segmental», decorrente das pautas acentuais.

Podemos dizer, assim, que o acento em português têm tanto a função distintiva quanto a delimitativa, na terminologia de Trubetzkoy.

30 Já sabemos o que vem a ser o acento. E' uma maior fôrça expiratória, ou intensidade de emissão, da vogal de uma sílaba em contraste com as demais vogais silábicas. Ele pode incidir na última, penúltima, antepenúltima, ou mais raramente, quarta última de um vocábulo fonológico. A sua presença assinala a existência de um vocábulo. No registro formal da pronúncia padrão do português do Brasil, há a rigor uma pauta acentual para cada vocábulo. As sílabas pretônicas, antes do acento, são menos débeis do que as postônicas, depois do acento. Se designarmos o acento, ou tonicidade, por 3, em cada vocábulo, temos o seguinte esquema:

... (1) + 3 + (0) + (0) + (0),

indicando os parênteses a possibilidade de ausência de sílaba átona (nos monossílabos tônicos) e as reticências um número indefinido de sílabas pretônicas.

Numa seqüência de vocábulos sem pausa (o que de acôrdo com Paul Passy se pode chamar um grupo de fôrça) as sílabas tônicas que precedem o último vocábulo baixam a uma intensidade 2, como em...

/graNd'amor/ grande amor
2 0-1 3

Por essa distribuição acentual, opõe-se a juntura à falta de juntura, por exemplo, entre — /abilidadi/ hábil idade e /abilidadi/ 2 0130 *vocalização de* 11130 *2ª, por isso, não há juntura*

Desta sorte, o vocábulo fonológico fica bem delimitado no português normal do Brasil.

E' claro que, por êsse critério, de depreender um vocábulo fonológico pela presença de uma tonicidade 2 ou 3 e delimitá-lo dentro de um grupo de fôrça pelos contrastes com 0 e 1, as chamadas partículas átonas não têm status de vocábulo fonológico. Se proclíticas, isto é, associadas a um vocábulo seguinte, elas valem como sílabas pretônicas desse vocábulo, com marca acentual 1; e, se enclíticas, isto é, associadas a um vocábulo precedente, nada mais são

que a sílaba postônica última dêse vocábulo com uma falta de intensidade 0.

Cabe apenas uma ressalva importante em referência ao vocalismo átono dessas partículas. Se postônicas, elas só podem ter evidentemente o quadro vocálico átono final (/fa'lasí/ *fala-se* etc.). Se pretônicas, porém, nelas não aparecem as vogais médias, que seriam de esperar dessa posição. Elas baixam, ao contrário, ao quadro das vogais átonas finais e há a neutralização entre as vogais médias e as altas correspondentes, em provento destas últimas. Assim, se opõem — /portè'la/ *portela*, substantivo feminino, e /purtè'la/ *por tela* (em — tanto *por tela*, por exemplo), ou entre /siseN'ta/ *se senta* e /sesenN'ta/ *sessenta*.

Outra particularidade das partículas átonas, quando pretônicas, é a possibilidade de adquirirem uma intensidade 2. Isto ocorre em duas circunstâncias. Em primeiro lugar, por motivo de uma pausa inesperada no teor da fala, principalmente quando o falante pára súbitamente para pensar um pouco no que vai dizer. Em segundo lugar, por motivação expressiva (ou digamos, estilística) no intento de dar especial relêvo à partícula. Num e noutro caso, ela fica naturalmente tônica e passa a ter uma intensidade 2.

Nessas ocorrências, não há uma norma firme de comportamento entre os falantes. A tendência mais geral talvez seja manter o vocalismo da partícula, enunciando um /u/ ou um /i/¹ de tonicidade 2: /purtè'la/ *por tela* (com ênfase na preposição) ou *por... tela* (com

hesitação depois de enunciada a preposição a respeito do substantivo que melhor convém). Mas há também a alternativa de se passar para a vogal média correspondente: /portè'la/. Onde a variação

é mais freqüente, é com o conectivo subordinativo *que* /ki/ ou /kê/ e a cordenação *e* /i/ ou /ê/.

31 De qualquer maneira, o acento (de grau 2 ou 3 conforme a posição no grupo de força) é a marca nítida do vocábulo fonológico.

Além dêse valor demarcativo, que cria uma juntura supra-segmental, o acento em português é também distintivo, pois serve pela sua posição a distinguir palavras, como em *jaca* «uma fruta brasileira» e *jacá* «uma espécie de cêsto», *caqui* «a fruta de origem japonesa» e *cáqui* «côr de poeira», e assim por diante. E' até um processo gramatical de distinguir padrões morfológicos, entre o substantivo, proparoxítono, e a forma verbal, paroxítona, com os mesmos

¹ Nestas condições, em Portugal o [a] neutro fica tônico. E' o único argumento que se pode alegar para lhe dar status de fonema.

fonemas, do verbo correspondente: *rótulo*: *rotulo* (verbo *rotular*), *fábrica*: *fabrica* (verbo *fabricar*), *intérprete*: *interprete* (verbo *interpretar*).

A pausa só auxilia a delimitação do vocábulo na circunstância muito relativa de que, de um grupo de força a outro, é preciso se chegar ao fim de um vocábulo para haver pausa.

Por outro lado, o acento é livre ainda no sentido de que a sua posição não depende da estrutura fonêmica do vocábulo. Não há em português terminações de fonemas que imponham uma dada acentuação. Quando muito, há uma maior freqüência, fonologicamente indeterminável, para dada terminação. Assim o mais comum é serem oxítonos os vocábulos terminados em -r, mas há, não obstante, *açúcar*, *alcáças* e assim por diante² e até *revólver*, substantivo, em oposição com o infinitivo verbal *revolver*. O mesmo se pode dizer a respeito dos vocábulos terminados em -l ou por arquifonema nasal (cf. *hábil*, ao lado de *abril*; *servem*, ao lado de *convém*, e assim por diante).

Daí não se segue que não haja um determinado tipo de acentuação que é o mais generalizado no vocabulário português e imprime à língua o seu ritmo característico. E' sem a menor dúvida o tipo paroxítono, de que decorre para a língua um ritmo «grave». Nisto, entre as línguas românicas, o português, junto com o espanhol, e talvez mais do que êste, se opõe ao ritmo «esdrúxulo» do italiano, decorrente da retenção dos proparoxítonos latinos, e ao ritmo «agudo» do francês, que é uma língua de acento fixo, constituída de vocábulos oxítonos.

Neste particular, o português do Brasil, com o seu amplo empréstimo léxico no tupi e às línguas africanas, se diferencia do português europeu por um maior número de vocábulos oxítonos. Ao mesmo tempo, a língua padrão do Brasil se diferencia da língua popular pela manutenção dos proparoxítonos, que esta tende a reduzir a paroxítonos pela supressão de um segmento postônico, como em *exêrço*, em vez de *exêrcito*, ou *Petrópolis*, por *Petrópolis*, e assim por diante.

Tal tendência explica, mesmo na língua literária, a mudança de acentuação de proparoxítonos, que tem sido atribuída à influência francesa.³

² E' claro que, do ponto de vista sincrônico, não interessa a circunstância de que muitos dêses vocábulos entraram por empréstimo na língua. A sua entrada determinou automaticamente novos padrões, mesmo que não existissem antes. Não esqueçamos que a rigor os proparoxítonos surgiram por empréstimo ao latim clássico pelo modelo do italiano, a partir do séc. XV.

³ Há muitas vezes, para tal mudança, também uma motivação morfológica, nos hefenismos principalmente. E' que o português reluta a ter sufixos átonos. Em regra, nos derivados, o acento se desloca da raiz para o sufixo. Assim, partindo-se de um sufixo -*dromo*, vocábulos como *hipodromo*, *aerodromo*, *autodromo* etc., parecem mais naturais do que os proparoxítonos, baseados na acentuação clássica, em que -*dromo* fica átono.